novembro 10, 2023

“AFTERSUN” E A ANGÚSTIA DA VIDA ADULTA

“Aftersun” e a angústia da vida adulta

O longa de estreia de Charlotte Wells, “Aftersun”, tomou grandes proporções entre o público cinéfilo no ano de 2022, e a visão bela e singela da diretora entregou para seu trabalho um olhar tocante.

A sinopse dessa história é bem simples: *Sophie, uma garotinha de 11 anos, passa suas férias com seu pai em um hotel na Turquia*. É por meio da narrativa contemporânea, porém, que logo compreendemos que o filme se trata de uma revisitação àquele momento, por meio das memórias da menina agora adulta, a fim de entender os detalhes que antes não via daquela viagem.

A diretora comentou que iniciou escrevendo por meio de arquétipos mais claros. Entretanto, quanto mais se aproximava do que se tornaria o filme, mais difícil era distinguir a ficção da realidade, e mais o fluxo de suas próprias memórias tomavam conta. Foi assim, então, por meio da personagem, que Charlotte começou a escrever o que seria “Aftersun”.

Muitas coisas da obra tocam em lugares profundos e subjetivos da experiência humana, no entanto, o que mais me chama a atenção é a *angústia*. Não é muito difícil de se identificar com Sophie, a menina está passando por uma fase que todos já passaram: a descoberta. Para ela o mundo é algo a ser explorado, e em contraste, para o pai, Calum, a ser evitado.

Se a assimilação acontece pelos dois lados, é inevitável não se reconhecer no personagem do pai. A luta interna dele pode não ter

suas motivações expostas, mas não é necessário: qualquer adulto compreende a dor de Calum, pois, mesmo que dentro de suas razões, já nos sentimos dessa mesma maneira. Quem nunca tentou esconder a dor, suprimir ela, até parar de existir?

Uma das cenas que sintetiza perfeitamente a questão é a da conversa que os dois têm no quarto de hotel: Sophie está contando para o pai sobre como está se sentindo mal. Ela não sabe o porquê, o seu dia foi ótimo. Nada de ruim aconteceu e, ainda assim, uma sensação de vazio alastra seu peito. Ela pergunta para ele se o mesmo já se percebeu nesse cenário, e ele logo nega. Assim, o filme retoma uma das características mais claras de Calum. Ele, como adulto, tenta esconder suas próprias lutas de sua filha. Como a maioria dos pais fazem. Ou melhor, como todos nós fazemos a partir de certa idade.

É por essa razão que os relances de Sophie como adulta são tão importantes, e a assombração de sua percepção, o que delinha a história.

Como uma mulher, ela não só odeia a decisão tomada pelo pai, mas compreende o que o levou a tais fins. Esse pode ser um período avassalador, o momento que finalmente compreendemos que, aquelas pessoas que nos deram a vida, eram simplesmente seres humanos que tentaram. Sem super poderes, sem amor incondicional.

É por isso que a sequência final é tão poderosa, com os sentimentos abstrusos expostos na música "pressure". A raiva, a tristeza, o amor e a angústia. Nem sempre o amor pode salvar vidas. E quando a Sophie mulher finalmente empurra o pai depois de tanto o tentar salvar, aceita essa triste realidade. E ainda assim, enquanto Calum cai, é sua filha pequena sorrindo que ele vê, aquela que ele, de certa forma, escolheu abandonar.

Existe algo mais angustiante do que não ter uma resposta? Do que não ter uma cura para os problemas? Às vezes, a pior parte de odiar a decisão de alguém é já ter considerado as mesmas escolhas.
Para você, quais são as coisas que te fazem escolher ficar?

Se você leu até aqui, primeiramente, obrigada pela sua atenção! E em segundo lugar: você sabia que eu tenha uma página muito muito legal no instagram sobre filmes? Não sabia? Pois agora não só você está sabendo, como está com um link bem na sua frente! De nada.
@lelefurtandofilmes